

UM POVO QUE CELEBRA

Evolução e involução da vida litúrgica na América Latina

* Professores de teologia litúrgica e pastoral no ITESP.

Antônio Sagrado Bogaz*
Nivaldo Feliciano Silva

Resumo:

Bogaz e Nivaldo buscam elaborar uma síntese dos principais traços da vida litúrgica da Igreja contemporânea, dando especial relevo a estas atividades na Igreja no Brasil. Reconhecem uma certa pendularidade na história desde momentos de maior rigidez até outros mais espontâneos. No Brasil, graças a duas espiritualidades diversas — vertente libertadora e a pentecostal — assiste-se, segundo os autores, a duas tendências diversas na Liturgia, uma mais engajada na vida cotidiana das pessoas e outra mais espiritualizada. Estas tendências estão presentes nos modelos celebrativos, nas alfaias, na concepção de presença do divino, nos cantos e nas fontes da espiritualidade. Os autores olham com esperança, neste sentido, para o que a V CELAM poderá dizer sobre este momento e as orientações de futuro.

Palavras-chave: Liturgia: elementos da história; Liturgia: Espiritualidade; Movimento Litúrgico: Brasil.

Abstract:

Bogaz and Nivaldo write down in synthesis the nowadays liturgical moment in the Catholic Church, with a special focus in Brazil. They realize that in the history of the Church it happened a kind of pendulousness in the liturgical tendency from a more rigid model to a more spontaneous one. In contemporary Brazilian Catholic Church we get two somewhat different traditions, one having its roots in the Liberation Theology and the other in the Pentecostal spirituality. Both this

ways are different in kind of celebrative models, use of liturgical dresses and songs, in the way they understand the presence of sacred and in the source of their spirituality. Bogaz and Nivaldo have a special hope when they see the 5th Conference of Latin American Bishops at Aparecida and this subject.

Key words: *Liturgy: some historical steps; Liturgy: spiritual foundations; Liturgical Movement: Brazil.*

INTRODUÇÃO

Somos herdeiros de uma grande tradição que vem desde os primeiros séculos do cristianismo, quando a vida cristã alimentava espiritualmente da coragem e do testemunho dos mártires, que corajosamente comungavam o projeto de Jesus Cristo, até mesmo nas fronteiras do martírio. A vida litúrgica se inspirava, respirava e transpirava este ideal, comungando sua proposta salvífica, seus símbolos litúrgicos, seus ritos e sua espiritualidade com seus ideais de vida e de seguimento.

A vida litúrgica sempre se relacionou profundamente com a vivência cotidiana, com as experiências comunitárias e os sentimentos da fé dos fiéis, elaborando seus ritos a partir dos elementos naturais da comunidade e, mais ainda, de sua história de vida, buscando na cultura e nos valores e formas de expressões rituais.

Considerando que os elementos rituais não são dados pela mensagem evangélica, estes foram se *encorpando* ao longo das décadas, constituindo nossos rituais. O encontro da mensagem cristã com a realidade das comunidades, permeado pela fé, sustentava as práticas litúrgicas do povo. A vida litúrgica se alimentava da experiência das comunidades, ao mesmo tempo que esta vivência alimentava a vida litúrgica.

Com o passar dos séculos, os ritos foram se solidificando e, ao mesmo tempo, se cristalizando, dificultando a interação entre novos valores culturais e os ritos cristãos. Tornou-se cada vez mais grave esta realidade, chegando ao ponto extremo onde os ritos prescindem totalmente das experiências dos novos grupos evangelizados.

O Concílio Vaticano II reabre esta inspiração original e, novamente, os ritos litúrgicos tornam-se solícitos aos clamores do povo de Deus e susceptíveis de suas culturas, devoções e costumes.

Passaram algumas décadas do reavivamento deste diálogo. Esta dialogicidade é difícil e complexa, pois exige integração das tradições e das inovações, respeito aos bens antigos e abertura aos novos bens da vida litúrgica.

Com este trabalho estamos nos preocupando em refletir sobre esta evolução e a involução deste processo, para nos abirmos aos novos tempos da vida da Igreja e sua expressão litúrgica mais fecunda e eficaz.

1. CRISTALIZAÇÃO DA BELEZA. A FORMAÇÃO DOS RITUAIS AO LONGO DOS SÉCULOS

A fé em Jesus Cristo é o centro absoluto de nossas ações litúrgicas. Nos reunimos na fé para celebrar seu mistério paschal. Aos poucos ao longo da história, os ritos foram criando formas, a partir do encontro entre a mensagem evangélica e as culturas dos povos evangelizados. O culto espiritual, como um culto invisível não basta para as comunidades, que devem efetivar e manifestar a sua crença em símbolos, palavras e gestos. Como entendemos, *o culto espiritual que os cristãos celebram faz a diferença: com efeito é um culto invisível, mas muito eficaz na ação e nos gestos, desde o momento em que não é somente uma composição de mistérios humanos, mas que o mistério deste culto não é compreensível para os seres humanos*.¹ O mistério, para ser celebrado, exige um ritual e este ritual vai aos poucos se institucionalizando e ficando sempre mais complexo.

¹ Cf. J. J. FLORES, *Introdução à Teologia Litúrgica*. São Paulo, Paulinas, 2006, p. 39.

Sabemos bem que é incorreto afirmar que o culto se organiza e se institucionaliza com a cristandade, inaugurada pelo Edito de Milão de 313, por Constantino, pois embora não reconhecida pelo poder civil e político, a Igreja vive sua fé em ritos muito criativos, dinâmicos e ricos. Com o reconhecimento do Império Romano, estes ritos ganham uma nova conotação e tornam-se sempre mais sólidos, formais e solenes, refletindo cores e movimentos dos ritos profanos imperiais.

A vida litúrgica que se nutria dos acontecimentos históricos e culturais e que era fortemente comunitária, celebrando o mistério em comunhão com a vida, vai se tornando sempre mais jurídica e ritualística.²

² Cf. A. CATELLA, *Teologia della liturgia: Manuale di liturgia*. Casalle Monferrato, Piemme, 1998, vol. 2.

Percorrendo as trilhas da história, notamos uma evolução da vida litúrgica da Igreja, enquanto se enriquece fortemente de novos símbolos, movimentos e textos; mas a sua involução também se faz perceber, pois vai se tornando sempre mais jurisdicista, formal e menos espontânea. Não que a criatividade e a inculturação cessaram, mas o cuidado com a ortodoxia levou a fixar formas rituais sempre mais rigorosas. A própria obra de Hipólito de Roma, denominada *Tradição Apostólica*, apresenta um modelo celebrativo para as comunidades, o qual, *ao mesmo tempo que garante a correteza dos ritos, propõe formas celebrativas que vão aos poucos se cristalizando nas comunidades*.³

³ Cf. HIPÓLITO de Roma, *Tradição Apostólica*. In TREVIJANAR (Ed.), *Patrología*. Madrid, BAC, 1994, pp. 140-142.

A vida litúrgica da Igreja assumiu formas de jurisdicção e exteriorismo nos séculos medievais, sendo cada vez mais um culto hierárquico, centralizado na Igreja universal, celebrada em ritos esteriotipados, numa linguagem desconhecida. A celebração em Latim, desconhecido pelo povo, com rituais *importados de culturas antigas distanciaram o povo do significado da própria celebração.*⁴ As conseqüências são bem evidentes, seja na cristalização do culto, seja na perda do sentido teológico-místico das celebrações e a materialização do culto. Por outro lado, surge a criação de ritos e celebrações paralelas pelo povo, carregado positivamente de devoções populares, muito ricas, e de superstições, que comprometem o verdadeiro sentido de nossa fé.

Em termos de Brasil, a carência de sacerdotes e a escassa presença destes em regiões mais rurais e sertanejas, possibilitaram um grande desenvolvimento de procissões, promessas, peregrinações e outros ritos que são, em nossos dias, uma característica fundamental da vida litúrgica de nossas comunidades.

A cristalização mais forte da vida litúrgica aconteceu com a resposta católica às contestações da Reforma, a qual, mais que buscar o sentido mais originário da liturgia cristã, retomou a centralidade do culto hierarquizado, retomou a centralidade do culto, canonizou o Latim como língua exclusiva e determinou uma forma rígida, sem variações, do culto cristão católico. Certamente, houveram muitos valores na reforma litúrgica tridentina, mas fortaleceu-se o sentido de culto externo e clerical, as práticas devocionais, bem como a perda das Sagradas Escrituras como fonte da vida espiritual de nossos fiéis.⁵

O período barroco transforma a celebração litúrgica numa manifestação artística da cultura católica, com uma tendência ao triunfalismo, plasmando-se na exuberância das formas, na musicalidade, nas devoções marianas e santorais excessivas, que firmaram o culto como um espetáculo bonito, mas pouco participativo do povo.⁶

Estão presentes, no entanto, as preocupações com uma nova visão da Liturgia, como a participação ativa dos fiéis na Ceia Eucarística, a comunhão sob as duas espécies, a participação dos fiéis nas hóstias consagradas no mesmo dia, a língua vernácula. Estes elementos, que se tornam fatores que exigem a reforma litúrgica já haviam sido destacadas no Sínodo de Pistóia,⁷ na Itália, que infelizmente não foram assumidos pela Igreja, deixando para mais tarde a verdadeira reforma litúrgica provocada pelo Movimento Litúrgico que se originou na segunda metade do século XIX e culminou no Concílio Vaticano II (1962-1965).

O nascimento do Movimento Litúrgico faz parte do contexto histórico do Concílio Vaticano II e, especialmente no

⁴ Cf. S. MARSILI, *A liturgia, momento histórico da salvação*. São Paulo, Paulus, pp. 68-70.

⁵ Cf. J. J. FLORES, *Introdução à Teologia Litúrgica*, op. cit., p. 61.

⁶ Cf. P. ARGARATE, *A Igreja celebra Jesus Cristo*: Introdução à celebração litúrgica. São Paulo, Paulinas, 1997, pp. 46-47.

⁷ Os decretos deste sínodo, realizado em 1786, propunham uma reforma litúrgica radical. Embora tenha sido proibido pela igreja oficial, este evento eclesial deixou marcas, pois expressava algumas lutas internas dentro da compreensão da Liturgia. Na ocasião, foram propostos alguns passos significativos: proibição da cobrança de sacramentos por parte do clero, participação dos fiéis nas duas espécies eucarísticas, unificação dos altares das igrejas, num único altar principal e redução das procissões devocionais, para despertar maior participação e integração na vida sacramental da comunidade. Cf. A. S. BOGAZ, *Celebrar sem fé, é possível?* São Paulo, Paulus, 2002, p. 27.

campo litúrgico, da Constituição *Sacrossantum Concilium*. Os mosteiros beneditinos tiveram uma contribuição fundamental no período que antecedeu o grande Concílio. Anotamos a atividade litúrgica de Próspero Guéranger (1805-1875) e o Motu Próprio de Pio X (1903) *Tra le sollecitudini*, que destaca a participação ativa dos fiéis na liturgia: *Confirmamos nosso mais vivo desejo que de todas as formas volva a florescer o verdadeiro espírito cristão... encontrado na sua primeira e indispensável fonte, que é a participação ativa nos sagrados mistérios, na oração pública e na solene liturgia. Essa participação se marca pela comunhão sacramental, pela sua frequência e idade mais propícia.*⁸

⁸ Idem, p. 28.

A Igreja se abre aos novos tempos e não renuncia à sua missão de ser a luz dos povos. O Concílio Vaticano II é esta resposta da Igreja para os novos tempos e a vida litúrgica da Igreja realiza estes bens em nossas comunidades. A partir da reforma proposta pelo Concílio, iniciamos um período de grande força e transformação em nossas celebrações litúrgicas.

2. O ESPÍRITO SOPRA ONDE QUER: AS INTUIÇÕES LITÚRGICAS DE NOSSOS TEMPOS

A ansiedade em dinamizar a vida litúrgica da Igreja é uma das motivações do Concílio Vaticano II. Se as ciências humanas e mesmo as outras ciências abordavam novos temas na vida social; se as relações humanas passavam por grandes mutações; e, se os meios de comunicação social renovavam a intercomunicação planetária, a Igreja precisava integrar-se no processo, para continuar sendo a luz iluminadora dos caminhos da humanidade. A pastoral da Igreja e sua vida litúrgica precisam renovar-se para continuarem sendo significativa no cotidiano das pessoas.

Considerando que a Liturgia é fonte da vida cristã, de onde se emancipa toda sua força, ela se torna fundamento das relações entre os vários aspectos da vida da Igreja.⁹ Este é o novo horizonte da vida litúrgica da Igreja. Ela se ilumina da fé dos fiéis e os sustenta, na busca de viver profundamente o mistério cristão e integrá-lo na própria história.

Com a coragem de desvincular o mistério pascal das formas rígidas seculares, a liturgia cristã passa a aprofundar o significado de seus temas fundamentais, como memorial, rito, eficácia e ministérios.

A comunidade cristã torna-se o sujeito histórico da ação litúrgica. **De fato, é a comunidade que na sua existência vive de Cristo, manifesta sua ação na história e o celebra com seus ritos.**¹⁰

⁹ Cf. C. VAGAGGINI – MARSILI, S., *Costituizione sulla sacra Liturgia*. Torino, LDC, 1964, p. 17; Constituição *Sacrosanctum Concilium*: sobre a sagrada liturgia. São Paulo, Paulinas, 2002, n. 10.

¹⁰ Cf. M. AUGÉ, *Espiritualidade litúrgica*. São Paulo, Ave Maria, 2002, p. 98.

A renovação das intuições da espiritualidade litúrgica propiciam a renovação de suas práticas celebrativas, que vão aos poucos se transformando.¹¹ A Igreja se encontra na liturgia, pois admite que esta é o lugar privilegiado da experiência de fé dos seus fiéis, que trazem diante do altar de Jesus Cristo, **como matéria prima da ação litúrgica**, suas dores, conquistas e sonhos, em forma de súplicas e agradecimentos. Ainda mais, o instrumental simbólico e lingüístico é formado pelas experiências culturais, étnicas e históricas da própria assembléia. Com isso, passa-se a uma teologia litúrgica que sustente, aprofunde e compreenda os passos do ritual, sua evolução e seus desafios.¹²

Temos que destacar sempre que a inspiração destas transformações se encontra no próprio Vaticano II; quando se trata da vida litúrgica da Igreja, as celebrações são, entre outras, manifestações da fé viva dos batizados.¹³

As celebrações de nossas comunidades são reveladoras de nossa fé, em formas culturais e rituais propícias ao encontro da comunidade reunida e seu Senhor.

A teologia litúrgica é merecedora de créditos. Com a nova concepção de liturgia, emanada do Concílio Vaticano II, os pastores da Igreja, bem como os formadores da ciência teológica e, finalmente, todos os fiéis, reconhecem que é preciso compreender o significado da vida litúrgica e como integrá-lo em nossas vidas.

Superamos, assim, a fase do rubricismo e entramos na fase da fecundidade litúrgica, onde as rubricas deixam de ser o cerne das ações litúrgicas, com significado em si mesmas e se tornam instrumentos dos fundamentos teológicos da liturgia, exigindo assim renovação, atualização, inserção cultural e interação com a assembléia.¹⁴

A memória do mistério pascal não é simplesmente uma história que se repete ao longo dos séculos de forma estável e cristalizada; antes exige a iluminação divina, para compreender como este memorial é vivido, celebrado pelo nosso povo, na sua caminhada cotidiana.

A partir desta interação entre a história milenar do evento pascal e a história cotidiana dos povos, os ritos passam a ser revistos e reordenados, promovendo a renovação litúrgica.

Reconhecemos o sopro do Espírito na vida litúrgica da Igreja, o que nos provoca a novo aprofundamento, atualização e compreensão dos ritos litúrgicos e da pastoral litúrgica.

Os tempos pós-conciliares foram difíceis e belos na vida da Igreja, pois havia um grande entusiasmo e vontade de dinamizar e renovar os ritos litúrgicos. Assim, a criatividade, a inculturação e a adaptação tornaram-se palavras de ordem. Todas

¹¹ Idem, p. 99.

¹² Cf. P. ARGÁRATE, *A Igreja celebra Jesus Cristo*, op. cit., pp. 207-208. Para o autor trata-se de dar à teologia seu sentido teológico e à liturgia sua dimensão litúrgica.

¹³ Constituição *Sacrosanctum Concilium*, op. cit., n. 41.

¹⁴ Cf. A. NOCENT, *La messa prima e dopo San Pio V*. Casale Monferrato, Piemonte, 1985, pp. 83-84.

as comunidades queriam implantar formas celebrativas que contemplassem o novo espírito litúrgico, considerando sua história, sua realidade, sua cultura. Onde tivemos a grande inclusão das questões sociais nas celebrações, além da aproximação cultural das etnias e as modelações do repertório litúrgico, a partir do rosto das assembléias celebrantes.

Podemos considerar que esta foi uma tarefa fenomenal das comunidades cristãs, sem precedentes na história.¹⁵

¹⁵ Cf. P. ARGÁRATE, *A Igreja celebra Jesus Cristo*, op. cit., p. 55.

Desde então, a Igreja se prepara para celebrar o mistério de Cristo no mundo, com as culturas e simbologias do mundo. Celebrar Jesus Cristo no mundo, com a rosto do mundo, para transformar o mundo. Com um desafio ainda mais delicado: sem perder a unidade universal da Igreja, representada historicamente pelos rituais romanos.

3. BRISA E VENTANIA: OS MOVIMENTOS DA AÇÃO LITÚRGICA NA IGREJA

Os padres conciliares do Concílio Vaticano II e com eles todos os presbíteros, diáconos, religiosos e religiosas e especialmente as forças vivas dos leigos nas comunidades assumiram profundamente os princípios e o espírito da renovação da Igreja e, por conseqüência, da vida litúrgica de nossas comunidades e seus fiéis.

As primeiras décadas foram muito importantes e deram passos firmes e seguros nesta renovação, não obstante incorressem em desvios a serem corrigidos na própria experiência cristã.

As conferências episcopais no continente latino-americano foram fundamentais para impulsionar a vida litúrgica da Igreja.

A Conferência de Medellín (Colômbia, 1968) ressalta a tríplice dimensão de Jesus Cristo, que é celebrado como profeta, voz viva na realidade das comunidades; como pastor, protetor e libertador do povo e como liturgo, celebrante da vida em todas as suas forças. Esta vida litúrgica se enriquece da dimensão social e política.

Alguns elementos são fundamentais, como a adaptação aos gênios da culturas, a acolhida da pluralidade e a abertura à experiência vital entre fé, liturgia e vida cotidiana.

Neste período, conhecemos uma grande dinamização da vida litúrgica, como conseqüência das celebrações em pequenos grupos, da intensificação das, celebrações comunitárias, valorização das devoções populares e dos meios de comunicação social.

A Conferência de Puebla (México, 1979) eleva a comunhão e participação dos fiéis, particularmente o resgate dos pobres e suas experiências de fé e de vida comunitária. Neste período,

notava-se uma grande preocupação para superar o formalismo e o neo-ritualismo. Cuidando sempre da unidade eclesial, destacava-se a importância da criatividade e dos valores dos grupos étnicos e etários.

Houve, nestas décadas, uma grande *secularização* da vida litúrgica, a questão social torna-se vital para os ritos e a espiritualidade litúrgica e os maltratados do tecido social são assumidos como referência da profecia no culto cristão. Os pequeninos, os mais humildes são aqueles que vivem em suas vidas as agruras do próprio Cristo.¹⁶

Por sua vez, a Conferência de Santo Domingo (1992) ressaltou a dinâmica comunicativa da liturgia, cuidando da pedagogia dos sinais. A criatividade e a introdução de elementos culturais são valorizados como elementos da animação litúrgica, embora haja sempre a preocupação com a fidelidade à tradição e a unidade com a Igreja universal. A introdução dos símbolos deve ser incrementada com expressões e devoções das comunidades eclesiais, aportando à vida litúrgica as formas, sinais e expressões culturais dos povos.¹⁷

Este período é muito fecundo e elevado, do ponto de vista espiritual, comunitário e simbólico, tornando a liturgia uma expressão viva de nossa fé e de nossa história. Na vida litúrgica encontra-se a vida do povo com a vida e a mensagem de Cristo, no mesmo rito e na mesma comunhão. Mas o processo não está finalizado, afinal, *além da inculturação nas várias etnias, não se pode esquecer o imenso desafio da inculturação no meio urbano e no meio dos pobres*.¹⁸

Estes passos nos preparam para vivermos sempre mais a Conferência de Aparecida, como o evento que nos aporta aos tempos contemporâneos.

Nosso olhar se envaidece ainda mais, quando contemplamos os caminhos da vida litúrgica no Brasil. Certamente, todos os países fizeram experiências preciosas, mas nossa realidade litúrgica, apesar dos breves desvios, deixaram marcas que nos inserem na vida da Igreja universal, sem perder a integração com a fé vivida por nosso povo simples, devoto e muito empobrecido.

Nos primeiros anos pós-conciliares, constatou-se a celebração nas línguas vernáculas, a mudança de estilo celebrativo, a simplificação dos ritos, a alegria e participação dos cantos e um grande número de cursos de formação litúrgica. Na década de 70, tivemos a realização das traduções dos rituais, embora sem grandes adaptações, por certo despreparo e urgência dos livros em vernáculo.¹⁹

A liturgia assumiu a riqueza das experiências e documentos eclesiais de dimensão social. Mesmo os meses temáticos, as

¹⁶ Cf. L. MALDONADO, *A ação litúrgica, sacramento e celebração*. São Paulo, Paulus, 1998, pp. 97-100.

¹⁷ Cf. A. BECKHÄUSER, *Os fundamentos da Sagrada Liturgia*. Petrópolis, Vozes, 2004, pp. 284-290.

¹⁸ Cf. G. LYRIO ROCHA, 40º. Aniversário da *Sacrosanctum Concilium*. Apostila, p. 7.

¹⁹ Cf. CNBB, *Animação da vida litúrgica no Brasil*, São Paulo, Paulinas, 1989, n. 43. A primeira parte deste trabalho apresenta um panorama da reforma litúrgica no Brasil, suas conquistas, seus desvios e seus desafios. Merecem ainda atenção os desafios apresentados: participação, criatividade e adaptação, civilização urbano-industrial, o ano litúrgico e os meses temáticos, a festas civis e religiosas, a inserção da piedade popular na liturgia, a inculturação e a fidelidade à tradição, entre outros (pp. 17-18).

festas religiosas e civis, bem como as Campanhas da Fraternidade realizadas no Brasil dinamizaram a vida litúrgica das comunidades celebrantes. A beleza e a profecia dos ministérios leigos especialmente nas periferias e nas comunidades eclesiais de base são uma página bonita da vida litúrgica de nossa Igreja.²⁰

²⁰ Cf. P. ARGÁRATE, *A Igreja celebra Jesus Cristo*, op. cit., pp. 66-71: é uma descrição da evolução da ministerialidade dentro dos atos litúrgicos, suas razões e suas preocupações.

Nas décadas posteriores ao Concílio, houve grande inclusão de valores culturais dentro dos rituais, criando as celebrações etárias (para crianças, jovens, casais, idosos, etc.) e as celebrações eucarísticas étnicas (missa crioula, nordestina, afro, indígena, migrantes, vaqueiro, camponesa, caipira, sertaneja, entre outras). As celebrações litúrgicas manifestaram forte espírito profético e comprometimento com as lutas sociais dos grupos oprimidos. As procissões, novenas, vias sacras eram a expressão da interação entre o mistério pascal de Cristo encarnado na realidade das comunidades, compondo uma aproximação entre o mistério pascal de Jesus Cristo e de nosso povo.²¹

²¹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DOCTRINA DOS SACRAMENTOS, *Directorio sobre piedade popular e liturgia: princípios e orientações*. São Paulo, Paulinas, 2003, pp. 117-120.

Com a delicada preocupação de não perder o sentido da unidade universal da liturgia, popularizou-se o rito, simplificou-se as rubricas, enriquecendo com as culturas e a religiosidade popular as nossas celebrações.²²

²² Cf. A. S. BOGAZ, *Celebrar sem fé, é possível?* op. cit., p. 66-69.

Nos últimos anos, particularmente nas décadas de 90 e no início deste milênio, sopraram novos ventos, com força de ventania. Esses sopros merecem atenção muito particular e ainda exigem uma análise crítica mais cuidadosa

4. ENCRUZILHADAS, BINÔMIOS DA VIDA LITÚRGICA: AS TENDÊNCIAS DA AÇÃO LITÚRGICA EM NOSSAS COMUNIDADES

Nas últimas décadas, particularmente ao redor das celebrações de passagem do milênio, vivemos momentos curiosos na vida litúrgica do Brasil. Sempre é difícil admitir as coisas mais óbvias, sobretudo quando elas são mais chocantes, mas tivemos que nos curvar diante da evidência dos fatos.

A vida litúrgica foi assaltada por modelos pouco ortodoxos de celebrações, que visavam particularmente o acesso às grandes multidões de fiéis, como forma, inclusive, de afrontar as grandes celebrações de massa presentes nos grupos cristãos pentecostais evangélicos. Estes por sua vez, de forma geral, serviam-se (e ainda se servem) de formas de propagação de seus grupos, por meio de sistemas modernos de empresariamento, como marketing, leasing e outras metodologias mercadológicas. Isso do ponto de vista estrutural, pois do ponto de vista da espiritualidade, servem-se de coações como o medo e ameaças e da propaganda de milagres, similares às loterias, onde os de-

esperados acorrem na esperança de serem contemplados. Falamos de pseudo-religiões, desconectadas da ética e da racionalidade, necessárias para uma vida religiosa salutar.

Voltemos aos nossos celeiros litúrgicos.

A vida litúrgica de nossas comunidades tomaram dois rumos diferentes e delicados. Por um lado, as práticas litúrgicas com a tradição pós-conciliar, de engajamento nas realidades mais dramáticas do povo, optando pelo profetismo e pela inserção. Trata-se de grupos pequenos, cada vez mais silenciosos e discretos, esquecidos pelos meios de comunicação social. Estes grupos que se nutrem da espiritualidade das Comunidades Eclesiais de Base e do aprofundamento bíblico continuam sua caminhada e participam discretamente das lutas do povo. Estão nos porões, quase que na diáspora da Igreja. Por outro lado, grandes movimentos mais espiritualistas, com tendência ao pentecostalismo, desta vez de matriz católica, cresceram e adentraram as massas religiosas, marcadas por grandes celebrações, fortemente assinaladas pelos meios de comunicação social, talvez por serem considerados inofensivos às estruturas sociais, devido ao seu aspecto mais louvante e personalista.

No campo litúrgico, deparamo-nos diante de uma grande encruzilhada, que exige opções, uma vez que nossa espiritualidade nos propõe novos modelos celebrativos e estes, nova forma de viver.

Vemos alguns aspectos destas encruzilhadas, que são mais significativos: Vamos caracterizá-los como binômios de nossa espiritualidade litúrgica.

4.1. Modelo de celebração

Muitas celebrações ocorrem em pequenos grupos, comunidades afinadas e afins, com uma caminhada particular bem específica. São pequenos grupos que se reúnem regularmente e que comungam os mesmos ideais, como grupos de rua ou étnicos, entre tantos. Estes grupos celebram em locais mais fechados, partilham os fatos de suas vidas e se fortalecem na sua caminhada. Encontramos igualmente, muito mais visíveis as celebrações de grandes grupos, com traços litúrgicos muito diversos.²³ São celebrações mais explosivas, cheias de cantos, instrumentos e movimentos, ao modelo de grandes encontros ou espetáculos, onde todos são entusiasmados por animadores, destacando a força de ser cristão e a felicidade pessoal, como fruto da graça de ser *filhos e filhas de Deus*. Estes dois modelos estão presentes na Igreja do Brasil e, embora o modelo mais sóbrio e silencioso não seja anunciado em grandes canais de comunicação, têm muita presença em nossas comunidades.

²³ Cf. N. CASTRO TEIXEIRA, *Comunicação na Liturgia* São Paulo, Paulinas, 2003, pp. 220-223. Nesta passagem o autor trata das celebrações litúrgicas nos meios de comunicação social, avaliando sua importância e sua validade pastoral.

4.2. Presença real do divino

Na celebração litúrgica buscamos o Cristo, o Senhor de nossas vidas, que alimenta nossos espíritos e fortalece nossa caminhada. Muitas celebrações propõem este encontro com o Senhor numa direção mais vertical, expressando sua presença nos mistérios celebrados, por meio da contemplação e certa fuga da realidade, esquecendo as agruras cotidianas, para elevar-se marcando o encontro com o Senhor. As celebrações com conotação mais sociológica anotam a presença real do Senhor na vida das pessoas, professando que a história é o lugar mítico da presença divina no mundo. Assim, o encontro com Deus se realiza na contemplação e no afago ao pobre, ao sofredor, enfim, no encontro com os filhos de Deus, mormente os mais miseráveis. Nenhum destes grupos, negará jamais a outra dimensão, mas certamente dará mais atenção à sua concepção de espiritualidade que lhe é mais agradável e verdadeira.

4.3. Alfaias sagradas

Todo aparato litúrgico é fundamental para vivermos o rito com mais intensidade e clareza. Notamos, no entanto, que estes objetos apresentam grande variação em nossas celebrações. Para além dos exageros que podem ocorrer, onde estas alfaias desandam para o carnavalesco e o exibicionismo, ambos passíveis de críticas, notamos duas posturas bem diferentes. A postura mais conservadora (desculpamo-nos por este conceito, muito criticável) estrutura suas alfaias em formas mais ricas e tradicionais, cuidando das roupas e recuperando elementos das alfaias que haviam caído em desuso, retomando as cores fortes (dourado, prateado), com traços barrocos e muitos enfeites. Os objetos do altar são mais ricos e mais valiosos, do ponto de vista do valor comercial. Em outras comunidades, que primam pela inserção e pela simplicidade, notamos que as alfaias são simples e as vestimentas dos ministros menos enfeitadas, expurgando a tendência ao barroco de nossas alfaias tradicionais. A própria estola dos celebrantes, seus desenhos e seus modelos, revela sua espiritualidade e sua formação teológica. Igualmente seus trajes revelam sua inspiração litúrgica fundamental. Não estamos falando de contradições, erros ou heresias versus ortodoxia; apenas a convergência da espiritualidade de nossas comunidades celebrantes. Ainda, quando falamos dos livros litúrgicos, entendemos que os ministros das celebrações devem ser o mediador entre o ritual e a assembléia, entre as normas litúrgicas e a dinâmica da vida comunitária.²⁴

²⁴ Cf. G. LYRIO ROCHA, 40º aniversário da Sacrosanctum Concilium, op. cit., p. 8.

4.4. Cantorias litúrgicas

Quando observamos nossas comunidades, notamos seu rosto exposto nas práticas litúrgicas. Um elemento basilar para entender esta encruzilhada de nossa vida litúrgica são os cantos. Não estamos tratando da incorreção dos cantos escolhidos, quando trazemos para a celebração dos sacramentos (sobretudo a Ceia Eucarística) os cantos compostos para grupos de oração e louvor. Esses erros são comuns, mas são facilmente corrigíveis, se a equipe de canto for solícita ao espírito da liturgia e suas partes. Pela poesia dos cantos, pelos instrumentos e pelos ritmos reconhecemos facilmente modelos variados de espiritualidade, expressa no canto litúrgico.²⁵ Notamos cantos mais espiritualizantes, com aclamações e louvações emocionadas a cantos mais engajados, trazendo os dramas humanos para dentro da mensagem dos cantos, unindo assim a mensagem evangélica com a história da comunidade. Estes dois modelos de cantos litúrgicos, com suas variações entre eles, expressam seguramente a espiritualidade litúrgica.²⁶ Não estão, certamente, em oposição, pois, na correção, ambos expressam o mistério pascal de Jesus Cristo, mas denotam a diversidade das tendências dos modelos litúrgicos. É importante que se tenha em mente que o canto litúrgico deve estar em sintonia com o mistério celebrado na Liturgia; e mais, deve ajudar a comunidade a fazer a experiência desse mistério da vida. No entanto, notamos uma forte tendência de se fazer da celebração uma ocasião de apresentação de espetáculo musical na liturgia. O desafio, portanto, é cantar a Liturgia.

²⁵ N. CASTRO TEIXEIRA, *Comunicação na Liturgia*, op. cit., pp. 71-79. Sobre o canto, estamos sempre buscando formas de discernir suas novas formas concernentes ao espírito litúrgico.

²⁶ CNBB, *A música litúrgica no Brasil*. São Paulo, Paulus, 1999, Estudos, 79, pp. 72-85.

4.5. Fontes da espiritualidade

Finalmente, compreendemos que a vida litúrgica se nutre de duas fontes da espiritualidade de nossa Igreja no Brasil. Num modelo de Igreja, a liturgia *vive o espírito da teologia da libertação tem a missão de descobrir a voz de Deus na sociedade, servindo-se da revelação e dos dogmas, para descobrir o verdadeiro seguimento de Jesus Cristo. Descobre-se a beleza das culturas humanas, a tragédia da opressão dos pobres, a nobreza da presença feminina e a importância dos ministérios*. A liturgia torna-se a voz profética da luta pela justiça, da solidariedade entre os povos e da transformação histórica. Noutra fonte, a vida litúrgica se nutre da espiritualidade de Pentecostes. Vida litúrgica, como toda a *Igreja católica inaugura um novo estilo de pastoral e com nova força espiritual. Surgem em todas comunidades grupos de oração, com tendência pentecostal, valorizando a intercessão e as louvações mais efervescentes*.²⁷ No campo litúrgico,

²⁷ Cf. A. S. BOGAZ – R. THOMAZZELLA, *Edificar a Igreja, século XXI*. Campinas, ASJ, 2006, p. 92.

despertam-se líderes espirituais, assumidos como animadores de culto, que se tornam líderes espirituais e congregam grandes grupos em noites de oração, missas festivas e celebrações festivas. Apesar da dimensão apologética, a espiritualidade carismática renovou a alegria de ser católico, diante do crescimento dos grupos evangélicos. A Igreja fomentada pela espiritualidade carismática eleva a devoção Mariana e a piedade eucarística, com momentos elevados de contemplação e louvação.²⁸

²⁸ Idem, p. 93.

5. NAS ÁGUAS DO RIO PARAÍBA: A VIDA LITÚRGICA EM TEMPOS DE UMA NOVA CONFERÊNCIA EPISCOPAL

Muitos e muitos anos, décadas e mesmo séculos se passaram, desde que os pescadores, cheios de fé e esperança, oprimidos e confiantes, lançaram as redes nas águas barrentas do Rio Paraíba.

As águas de nossos tempos continuam barrentas. Temos a impressão que não tem peixes no rio, mas precisamos confiar e pescar. Vivemos tempo de pouca esperança, talvez mesmo um parco sentimento de profecia nas nossas comunidades eclesiais. A teologia bíblica, a hermenêutica e as novas visões de liturgia nos mostram a relação intrínseca entre culto e vida e a dimensão existencial e profética dos ritos.²⁹

²⁹ Cf. L. MALDONADO, *A ação litúrgica, sacramento e celebração*, op. cit., p. 107.

Mais ainda, vivemos tempos de injustiças silenciadas e escondidas, de governantes corruptos, de comandantes bélicos no mundo e de confusão religiosa, onde o mercado da fé tem suas ações em grande valorização.

Mas, com a força de Maria de Aparecida, que socorreu os pescadores naquela noite triste de agonia, nossa gente, com fé, espera tempos melhores.

Nas últimas décadas, surgiram novos movimentos na Igreja, com o objetivo de fortalecer e animar a vida eclesial. Estes novos movimentos reforçaram a vida da igreja e particularmente a vida consagrada no Brasil. Surgiram vários movimentos ou grupos religiosos, revivendo espiritualidades tradicionais, sobretudo oriundas no tempo medieval.

Neste período, ao lado de grupos que se dedicavam à inserção nos meios mais pobres e de conflitos, denominadas pastorais de fronteira, surgem os movimentos de seguimento radical a Jesus Cristo. Nestes anos, surgiram grupos de consagração religiosa oficial ou espiritual, despertando para a necessidade de viver os votos religiosos de forma mais radical, particularmente a pobreza.

Alguns grupos que surgiram procuram viver na austeridade, como se tivessem imigrado entre nós os movimentos fran-

ciscanos medievais. Estes grupos procuram viver na pobreza mais radical, vestindo-se com simplicidade e habitando em meios mais humildes. Destacamos particularmente a *Toca de Assis*. Outros grupos, que se vestem em hábitos medievais, como expressão de consagração e pobreza, como *Aliança da Misericórdia*, *Shalom*, *Servidores de Javé*, entre outros.

Numa cisão da tradicional TFP, surgiu e cresceu um grupo de imitação dos movimentos de cavaleiros medievais, denominado *Arautos do Evangelho*. Suas vestimentas e sua espiritualidade reporta ao estilo de cristandade combativa e de exibição da catolicidade.

Em nossa Igreja atual, crescem grupos conservadores de origem européia, como os *Legionários de Cristo*, os *Neo-catecumenais*, a *Opus Dei*, a *Comunhão e Libertação*, que, apesar de sua autonomia e sua introspecção, encontram grande número de seguidores.

O neo-catolicismo é uma expressão da Igreja em nossos dias que fortalece a espiritualidade católica, alimenta-se de sua própria espiritualidade e suas devoções e contrapõe-se aos movimentos evangélicos de nossa sociedade.

O neo-catolicismo é uma força na Igreja que procura viver, embora anacronicamente, a consagração a Deus, em votos e na prática das virtudes.³⁰

³⁰ Cf. A. S. BOGAZ – R. THOMAZZELLA, *Edificar a Igreja, século XXI*, op. cit., pp. 94-96.

PARA TERMINAR: TIRAR AS REDES DAS ÁGUAS

Quando os pescadores levantaram as redes, vieram os peixes. Antes dos peixes, encontraram-se com Maria a Mãe de Jesus, numa simbologia humilde e delicada de terracota. E ainda por cima, em duas partes. A fé exige insistência, perseverança e humildade. No ritmo de Deus!

A nova Conferência dos Bispos da América Latina deverá retirar das águas barrentas de nossa realidade socio-política a força da fé, simbolizada na imagem de Maria, Mãe de Deus e dos nossos povos. Mas haverá de trazer para os fiéis uma farta pescaria. Deveremos renovar nossas pastorais, nossa missão evangelizadora, nossas atividades missionárias e a força para a luta dos povos maltratados, sejam indígenas, afro-descendentes, crianças e jovens em penúria, camponeses, caipiras e caboclos, mulheres humilhadas e todos os fiéis que esperam por um novo tempo.

O olhar de *Puebla* na sua introdução, que despertava para a Igreja os rostos dos oprimidos, continua a sondar a realidade de nossa gente, em formas diferentes, ainda sofrendo dores e torturas cruéis.

A vida litúrgica deverá buscar caminhos para unir os binômios da nossa espiritualidade. Sem jamais abandonar a dimensão misteriosa das celebrações, incorporar as lutas dos povos e, inserindo-se na história concreta de nossos fiéis, animá-los, pela celebração dos ritos, na busca de um novo porvir.

A Pastoral Litúrgica deverá abrir caminhos para esta nova conquista da Igreja. Novos tempos da Igreja exigem a organização de equipes de celebração, equipe de pastoral litúrgica e formação litúrgica, para tratarem os temas como cantos, ministérios, gestualidade, subsídios, símbolos, adaptações e criatividade, tanto nos rituais sacramentários, como em todos os demais rituais.³¹ Sem estes elementos a vida litúrgica ficará em situação deprimente, pior que nos tempos do ritualismo, pois os paradigmas do ritualismo e do rigorismo foram quebrados e esta nova fase exige reordenamento da vida litúrgica, buscando sínteses, purificações e discernimento nas atividades dos grupos e equipes de liturgia.

Sonhamos com comunidades, teologia e magistério que alimentem a vida litúrgica com o testemunho da vida, com a abertura ao espírito e a força da teologia litúrgica, como reflexão desta caminhada; esperamos por comunidades celebrantes que valorizem os fatos da história, a realidade dos pobres e os apelos do Espírito Santo e, finalmente, lutamos com nossos dons e nossa humildade, para que os fiéis sintam nos serviços litúrgicos a graça divina que vem fortalecer sua caminhada na comunidade eclesial e nas suas realidades civis cotidianas. A liturgia é o espaço de crescimento na fé e de fortalecimento dos propósitos de viver o Reino de Deus na marcha cotidiana: animar os vínculos espaço-temporais e transcendê-los, na solidificação dos vínculos eternos.

Voltamos nossos olhares para Aparecida, para que nos inebrie de esperança e fé, para que a vida litúrgica de nossas comunidades tenha a força e o fervor de nossos antepassados, com a dinâmica e a criatividade destes tempos modernos.

³¹ Cf. A. BECKHÄUSER, *Os fundamentos da Sagrada Liturgia*, op. cit., pp. 306-314.

REVISTA ESPAÇOS

Estamos enviando-lhe o número 15/1 de nossa revista. Esperamos continuar a ser úteis.

Para algumas comunidades e seminários mais pobres mandamos nossa revista gratuitamente. Outros tiveram a gentileza de mandar a colaboração que lhes pedíamos pelo serviço que estávamos prestando. Queremos agradecer aos que pagam suas assinaturas e nos permitem de continuar trabalhando. Mas gostaríamos de receber a participação de todos. Nossos recursos para mandar alguns números gratuitos estão perto do limite. Em breve estaremos restringindo nosso envio para aqueles que pagam sua assinatura. Experimente pagar já neste ano se você não pagou no ano passado. Acho que nossa revista merece.

A Redação.

ASSINATURAS

Para o Brasil e América Latina: 15 U\$A ou valor correspondente em real.
Para outros países: 25 U\$A

Envie: cheque cruzado pagável em São Paulo em nome de:
ASSOCIAÇÃO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES

ou, se preferir:

Deposite em nome do
ASSOCIAÇÃO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES
Banco Bradesco, Ag. 2720-0, c/c 4950-6, e
mande carta com o comprovante e explicando o destino de seu pagamento.